

AMÉRICA LATINA

ACTUALIDADE EMARANHADA, PERSPECTIVAS DIVERGENTES

Andrés Malamud

Ao mesmo tempo que na Europa contemporânea tem lugar um processo de convergência, no âmbito do qual os países do continente tendem a assemelhar-se cada vez mais entre si em termos de desenvolvimento económico e qualidade institucional, na América Latina verifica-se o processo contrário. Com efeito, enquanto alguns países consolidam os seus regimes democráticos e crescem a grande velocidade, outros afundam-se na anarquia, na pobreza e na violência. É provável que nos próximos anos se acentue esta tendência para a dispersão, destacando-se claramente três grupos: um, mais pequeno, será constituído por um conjunto de nações bem sucedidas; outro, maior, reunirá países de desempenho medíocre e destino incerto; finalmente, um terceiro grupo incluirá as sociedades mais pobres e os estados falhados. Num estudo realizado antes do colapso argentino de Dezembro de 2001, a CEPAL¹ (Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina) projectava dois cenários para o futuro. Num deles, o optimista, prognosticava que 16 dos 18 países contemplados poderiam reduzir a pobreza para metade em 2015. No outro, assumidamente realista e baseado nas tendências históricas, predizia que apenas sete conseguiriam cumprir a meta, enquanto em seis deles a pobreza se reduziria muito lentamente e em cinco aumentaria. Entre os países promissores figuravam a Argentina e o Uruguai; hoje, no entanto, estes países devem incluir-se na lista dos que perderam uma década de desenvolvimento. Será o panorama tão negro como o pinta este quadro? Conforme antecipado no início, a resposta depende do país.

Os países fracassados da América Latina são aqueles cujos PIB *per capita* e índices de desenvolvimento humano se aproximam mais dos níveis da África Subsariana que dos seus vizinhos. Nalguns casos, a pobreza soma-se à violência e à anarquia devido à incapacidade de o Estado garantir a ordem pública. O exemplo mais claro é o Haiti, embora a Bolívia, a Nicarágua e outros países da América Central também apresentem um panorama desanimador. A Colômbia poderia situar-se neste grupo, não tanto pelo seu desempenho económico, que não é mau, mas devido à incapacidade do Estado para impor a lei no seu próprio território. No entanto, há quem considere que, se e

quando se resolver o problema do terrorismo, os colombianos estarão em condições de avançar rapidamente em direcção ao desenvolvimento.

Os países incertos situam-se, sobretudo, na América Andina (Venezuela, Peru, Equador e também Paraguai) e Central. Dada a sua instabilidade crónica e os seus altos níveis de pobreza e desigualdade, é difícil que estas nações alcancem um desenvolvimento sustentado, embora possam conseguir, pontualmente, altas taxas de crescimento. A posse de recursos naturais de alto valor nos mercados internacionais, como o gás e o petróleo, não ajuda a resolver o problema do subdesenvolvimento e da baixa qualidade institucional. Antes pelo contrário: a sobreavaliação da moeda local, uma consequência dos fluxos de divisas gerados pela venda de hidrocarbonetos, influi negativamente sobre as outras exportações, tornando a estrutura produtiva mais concentrada e deteriorando assim o tecido social. Para além disso, a centralização estatal dos rendimentos do petróleo aumenta o risco de abuso de poder e dificulta o controlo por parte da sociedade civil.

Por razões diferentes, a Argentina aproxima-se mais do grupo recém-mencionado do que de países mais similares pela sua composição sociocultural (como o Uruguai) ou pela sua dimensão socioeconómica (como o Brasil). Isso deve-se a que o seu alto potencial e a sua história privilegiada não foram suficientes para evitar que péssimas administrações a conduzissem à bancarrota, e não há muitas razões para crer que os seus líderes tenham aprendido a lição. O Uruguai e a Costa Rica são dois casos excepcionais, já que um medíocre desempenho económico não conseguiu afectar o bom funcionamento das suas instituições políticas.

Os países mais bem sucedidos são três: Brasil, Chile e México. Cada um definiu um modelo efectivo de desenvolvimento e integração no mundo: o Brasil, mediante uma forte industrialização e fomento das exportações; o Chile, através de uma política de abertura e inserção global baseada em múltiplos tratados bilaterais; e o México, mediante uma associação inteligente – e inevitável – com os Estados Unidos. É expectável que estes três países mantenham as suas estratégias, que com diferentes ritmos vêm conduzindo ao crescimento económico, à consolidação democrática e ao aumento da qualidade de vida das suas sociedades.

Resta um país cujo futuro é imprevisível: Cuba. A única coisa que parece clara é que o seu regime político não sobreviverá incólume ao seu fundador e regente. No entanto, as consequências do desaparecimento de Fidel Castro dependerão das estratégias que venham a adoptar três actores-chave: os seus sucessores, a diáspora cubana no exílio e o Governo dos Estados Unidos. A médio prazo, o resultado mais provável é uma democratização conflitual e a emergência de uma economia altamente dependente dos Estados Unidos, cujo principal interesse não está tanto na mudança do regime como em evitar uma avalanche de refugiados cubanos na Florida.

Em síntese, o que é razoável esperar da América Latina nos próximos anos? Fundamentalmente, divergência: enquanto um punhado de países continuará na senda do

desenvolvimento e da consolidação institucional, a maioria permanecerá estagnada ou a oscilar entre avanços e recuos; outros, a minoria, poderão cair em abismos ainda mais profundos de desordem e pobreza. Mas também é possível esperar uma aceleração nos processos de desintegração regional: embora a retórica oficial saliente os esforços tendentes a concretizar a unidade continental, os resultados vão no sentido contrário aos discursos. De facto, os países da região têm vindo a reduzir gradualmente as trocas comerciais e os investimentos que realizam entre si, enquanto os Estados Unidos se têm tornado o principal parceiro económico da maioria deles. Em consequência, o centro em torno do qual orbitam cada vez mais estados latino-americanos está localizado fora da região, mais precisamente em Washington – ou Miami. Nos artigos que compõem este *dossier* analisa-se com mais detalhe a situação política de alguns países seleccionados. Os autores são especialistas na área, e foi-lhes pedido que realizassem um exercício de interpretação da actualidade acompanhado por uma avaliação das perspectivas que aguardam a cada país nos anos vindouros. ¹

NOTA

¹ Relatório disponível em: <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/4/12544/lcg2188e.pdf>